



A docência em tempos de pandemia e pandemônio: Uma vivência profissional

*Teaching in pandemonium-pandemic's times:
A professional experience*

*Enseñar en tiempos de pandemia y pandemónium:
Una experiencia profesional*

André Heloy Avila¹

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

O presente relato de experiência se relaciona a pesquisas realizadas sobre materiais didáticos de acesso livre (*Common License*) e disponíveis *online* e a estudos acerca das possibilidades pedagógicas das salas de aulas virtuais, os quais foram empreendidos em caráter emergencial, dada a implantação da modalidade de ensino remoto imposta pela pandemia. A realidade de minha comunidade acadêmica (UNEB/*Campus XVIII*) e contexto mais amplo da educação pública do país e o da situação mundial de pandemia e de reacionarismo se fizeram presentes no acontecer desta e-formação compulsória para o exercício docente à distância. Assim, este relato pessoal da preparação para tal modalidade de ensino traz também uma compreensão singular desta vivência, assume um tom de desabafo e destina-se a todos a quem devo agradecer pelo e-trabalho que estamos realizando.

Palavras-chave: Docência; Ensino à Distância; EaD; Universidade do Estado da Bahia; UNEB.

ABSTRACT

This experience report was inspired by research for teaching materials with open access (*Common License*) and available online and by my studies on the pedagogical possibilities of virtual classrooms, which were carry out under the emergency of the remote learning modality implementation, imposed by the coronavirus pandemic. The reality of my academic community (UNEB/*Campus XVIII*), the public education broader context, in Brazil, and the global situation of pandemic and reactionaryism were present in the event of this compulsory 'e-training' for distance teaching. Thus, this personal report on the preparation for this type of teaching also brings a unique understanding of this experience, assumes a confessional tone, and is intended for everyone to whom I must have to thanks for the 'e-work' we are doing.

Keywords: Teaching; Distance Education; EaD; Universidade do Estado da Bahia; UNEB.

RESUMEN

Este relato de experiencia está relacionado con investigaciones realizadas sobre materiales didáticos de acceso libre (*Common License*) y disponibles *online* y con estudios sobre las posibilidades pedagógicas de las aulas virtuales, que se realizaron de manera urgente, dada la implementación de la modalidad de educación a distancia impuesta por la pandemia. La realidad de mi comunidad académica (UNEB / *Campus XVIII*) y el contexto más amplio de la educación pública en el país y la situación global de pandemia y reaccionarismo estuvieron presentes en esta 'e-formación' obligatoria para la educación a distancia. Así, este informe personal sobre la preparación para este tipo de enseñanza también aporta una comprensión única de esta experiencia, asume un tono confesional y está dirigido a todos aquellos a quienes debo agradecer el 'e-trabajo' que estamos haciendo.

Palabras clave: Enseñanza; Educación a Distancia; EAD; Universidade do Estado da Bahia; UNEB.

¹ Professor Adjunto – Universidade do Estado da Bahia – *Campus XVIII*. Formação Plena em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestrado em Psicologia (UFES). Doutorado em Psicologia (UFSC) <https://orcid.org/0000-0002-0287-8357> Endereço eletrônico: aheloy@uneb.br



Introdução

Este texto deveria ser um relatório da pesquisa bibliográfica para levantamento de material de acesso livre (*Creative Commons licenses*) e disponível na rede mundial de computadores, a qual foi empreendida como forma de lidar com a realidade do fechamento de nossas bibliotecas e salas de aulas, no âmbito do ensino remoto da multicampi Universidade do Estado da Bahia. Uma descrição neste sentido e a apresentação de resultados desta investida foram organizados em um relatório de pesquisa, contudo, da mesma forma que o pandemônio político-econômico e a pandemia mudaram tudo, o que era para ser só um relatório técnico se desdobrou neste relato pessoal da vivência profissional recente.

Vivo, sinto e vejo as consequências das transformações pandemônio-pandêmicas que afetaram nossas vidas, como sei dos desafios e conquistas enfrentados pelo público atendido pelo *Campus XVIII* da Universidade do Estado da Bahia.

Sou de família de trabalhadores assalariados, nasci no interior de São Paulo, frequentei a escola pública do pré-primário ao doutoramento e, desde o segundo semestre de 2002, sou professor efetivo do *Campus XVIII* da Universidade do Estado da Bahia. Eu vivi a abertura política e sou um dos resultados da oportunidade de pobre, filho de trabalhadores, chegar à profissão que me realiza, graças ao acesso à educação formal. Antes do mais recente golpe antidemocrático que colocou o país no rumo que estamos, jamais me ocorreu, Poliana que sou, que o direito universal à educação poderia correr o risco que vivemos atualmente. Ou seja, aquilo que o *Campus XVIII* proporciona ao filho ou à filha da classe trabalhadora, oriundo/a da escola pública e que chega à Universidade, onde encontra a formação e a profissão que o/a realiza, está de fato ficando ainda mais difícil de ser conquistado por este público.

Chegamos à década de 20 do século XXI com o país e grande parte dos humanos, mundo a fora, ainda vivenciando violências e preconceitos, o pandemônio, o que está agravado pelo isolamento e o *stress* da pandemia.

Justamente quando mais precisamos de conhecimento, Ciências e, portanto, de educação, escolas, universidades, institutos, cientistas, profissionais qualificados e pensantes, o Estado está “sob nova direção”, uma que vitima a imensa maioria da população sob o

disparo do câmbio, da ignorância, da inflação, do desemprego, do desmatamento, das violências, da fome, de museus que viram cinzas. Sob o desgoverno atual, o projeto de educação pública de qualidade e para todos (que ainda estava engatinhando em termos de prática) está sob ataque declarado, o que é agravado pelos portões fechados de escolas e universidades e pela situação geral das Instituições do Estado e as da sociedade civil.

A pandemia escancarou que os interesses que mantém esta “nova direção” são gananciosos e indiferentes à vida humana e à Natureza. O que faz ainda mais chocante e nauseante o barulho que terraplanistas e raivosos alcançam em seu ataque inconsequente ao acesso universal à educação e às Ciências (a qual não existe sem educação).

Claramente, os que mandam em presidências, tribunais, congressos e câmaras têm a intenção de limitar a mobilidade social e o repertório cultural que podem ser conquistados e ampliados pela educação formal.

Embora ainda estejamos longe do ideal e sob ataque, já aconteceu, o acesso à educação faz **A Diferença** nas vidas das alunas e dos alunos do *Campus XVIII* da UNEB. Aconteceu, e foi com a grande maioria dos que concluíram sua graduação no *Campus XVIII* que relata melhores condições de trabalho e melhora no desempenho profissional, assim como aumento de renda, de *status* ou de realização pessoal (AVILA, 2014). E me arrisco a pensar que quem não concluiu também pode ter se beneficiado do fato de ter ingressado, como observado por Marques (2020).

Dado o que observo se realizar, que alcança se multiplicar graças ao trabalho do egresso ou egressa, na rede pública ou privada de ensino, a diminuição do número de estudantes nas turmas que encontro em salas de aulas e o de concluintes dos cursos já se faziam perceber e chamavam a atenção desde 2011. O que fortaleceu minhas práticas e postura para acolher e propor o diálogo, como meios auxiliares para favorecer a permanência e a conclusão do curso (MATTA, LEBRÃO e HELENO, 2017; CASTRO e TEIXEIRA, 2014). A atenção a estes aspectos aumentou quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o estado de Pandemia, em 11 de março de 2020, pois o fechamento do *Campus* impactou diretamente a vivência acadêmica de meus alunos e alunas, assim como a minha.



A primeira rede estadual ou distrital a suspender as aulas presenciais foi a do Distrito Federal, no dia 12 de março, seguida pela de Goiás, no dia seguinte. Nas duas semanas posteriores, todas as redes estaduais suspenderam suas aulas; as últimas a determinarem essa suspensão foram as de Alagoas, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, no dia 23 de março. As redes municipais tiveram um comportamento semelhante: a primeira capital a ter suas aulas suspensas foi Palmas, no dia 14 de março, e as últimas foram Cuiabá e Maceió, no dia 23 de março (INEP, 2020, p, 29).

Na Bahia, o governo anunciou o fechamento de todas as escolas em 18 de março de 2020, inicialmente, por 30 dias. Em seguida, as Universidades Estaduais da Bahia suspenderam as atividades de ensino presenciais, permanecendo assim desde então.

Neste cenário, o *Campus* fechado abruptamente, nenhuma outra manifestação das pessoas responsáveis por um longo período; seguidas renovações provisórias da suspensão das aulas; uma gripe potencialmente fatal e desconhecida; o isolamento; as taxas de desemprego e as de inflação etc., enfim, o segundo trimestre de 2020 foi de insegurança e dúvidas. Clima amenizado, para mim, quando a UNEB, no último trimestre de 2020, propôs a volta das atividades de ensino, a ser feita na modalidade remota e em formato de Oferta Especial de disciplinas, com carga horária concentrada em poucas semanas e dividida em atividades síncronas e assíncronas. Para a qual muitos estudantes e professores não tinham preparo e/ou os equipamentos (*hardware*) e conexão necessários. Eu mesmo pouco entendia de e-didáticas² e muito me preocupava a condução de aulas virtuais, a bibliografia, o uso dos programas, plataformas e aplicativos.

Dado o perfil socioeconômico de nosso alunado e a missão da UNEB, a instituição lançou alguns editais de auxílio à conectividade, além de ter oferecido orientações e formação para o ensino remoto, pois equipamentos e conexão custam caro, ainda mais sob a “nova direção”. Acredito que ainda haja quem está em situação que impede participar das aulas remotas, pois as turmas estão ainda mais reduzidas. Alguns/as estudantes que estão participando das aulas síncronas e assíncronas, por vezes, relatam enfrentar dificuldades técnicas, sejam ligadas a equipamentos, conexão, disponibilidade de tempo ou de espaço físico, em casa, para realizar as atividades propostas ou ter privacidade para ouvir e falar, na e-sala. Somando-se a isto, no privado ou no grupo, observei um aumento de estudantes

² O uso do prefixo ‘e-’ refere-se à eletrônico, a formas digitais, veiculadas *online*, assim como no termo *e-mail*, que significa correspondência eletrônica.

falando de dificuldades pessoais estarem influenciando a vivência acadêmica, impedindo o desempenho ou mesmo ameaçando interromper os estudos. Algo que está relacionado ao isolamento, à doença, ao desemprego, à situação econômica, ao pandemônio e à pandemia, ninguém falou sobre dúvidas vocacionais, nos últimos semestres. Assim, partindo do vivido pelos que estão em aulas, imagino que as condições econômicas e sociais do público que compõe majoritariamente nosso alunado tenham inviabilizado a continuidade dos estudos, na modalidade remota, para uma parcela significativa.

Todos são aspectos que pesam sobre a vivência acadêmica e colocam em risco a conclusão da formação e obrigaram este professor a procurar ajuda para manter a qualidade do trabalho e o acolhimento às vozes discentes, ainda mais necessários no ensino remoto emergencial.

No caso da Oferta Especial, meu despreparo para atuar no ensino remoto e o exíguo tempo para fazê-lo se somaram à preocupação em contribuir para uma vivência acadêmica positiva, num ambiente novo – o virtual.

Dado o contexto sociocultural e econômico mais amplo, identifico este como o momento mais tenso e até mesmo angustiante de minha vida profissional. Pois, ciente da importância de todos serem de fato respeitados e ouvidos, em nossas salas de aulas, e que grande parte da condução nesta direção cabe a mim, a responsabilidade de aprender a transpor isto para a mediação tecnológica (para o desconhecido e junto a pessoas que ainda iria conhecer, e na ausência do olhar) pesou bastante, provavelmente, porque pessoalmente estava sofrendo os efeitos da pandemia pandemônica, como qualquer outra pessoa.

1. **Ensino Remoto** – aprendendo ferramentas.

Quando já estávamos nos últimos quatro meses do ano de 2020 chegou a minuta da Oferta Especial da UNEB, proposta e pensada pelas diversas pessoas responsáveis por tal alçada de decisões e encaminhada aos *Campi* sem que fosse obrigatório que os docentes participassem conduzindo ‘ofertas’. Há muitos meses impedido de exercer a profissão que me realiza, em salas de aulas, eu topei na hora, via *Teams*[®], fui logo assumindo duas disciplinas.



Em seguida, me dei conta que pouco sei sobre educação à distância, ensino remoto, mediação por TICs, didática virtual ou pedagogia digital.

A percepção deste desconhecimento, inclusive, digamos, e-bibliográfico, causou ansiedade, um nível de *stress* agravado pelo fato de me sentir só e desorientado. Biblioteca fechada, saí navegando na rede mundial de computadores, tantas eram as dúvidas, quantos foram os manuais, apostilas, matérias, aulas, conversas com os profissionais da UNEaD/UNEB e *tutorials* em vídeo que consultei. Enfrentei, como outros, muitas dificuldades para realizar um treinamento autodidata para poder e-encontrar meus alunos e alunas, mediado pelas TICs, algo que não se limitou a aprender a usar *apps*, exigiu uma reinvenção imposta e que tivemos de custear da mesma forma que o fazemos para o ensino remoto acontecer.

O ensino remoto exige mais que saber como o *Teams*[®] funciona para montar a ‘equipe’; ‘alimentá-lo’ de materiais e informações; realizar reuniões síncronas etc., é preciso que o *Teams*[®] seja usado atendendo a proposta de atividades e interações acolhedoras e nos permitindo criar um ambiente seguro e aberto à participação. Foi necessário reinventar toda a forma de planejamento e as práticas aprimoradas a cada semestre, além de ficar sem o acervo da biblioteca física. Portanto, era urgente lidar com a tarefa de buscar material didático de acesso livre, disponível na “*infernética*”, para as referências bibliográficas.

Prioritário, também, era estudar os “ambientes virtuais” em si, os instrumentos didáticos, aí disponíveis, e as possibilidades do ensinar-aprender realizáveis nesta modalidade, para tal, recorri ao buscador *Google*® e à UNEAD/UNEB, em diferentes canais, como o ambiente *Ava/Moodle* e o sítio eletrônico *Youtube*[®], infelizmente de forma assistemática e não documentada, pois gostaria de citar as pessoas das *lives* e as que escreveram os materiais que li ou os *tutorials* a que assisti. A UNEB também promoveu orientações básicas e discussões valiosas neste sentido, via plataforma *Teams*[®] e *lives* que foram além de como funciona o *app*.

2. Bibliografia de acesso livre

Levado ao ensino remoto pela Oferta Especial, a outra grande preparação, ou reinvenção, foi levantar a bibliografia a recomendar para as duas disciplinas que assumi (uma em co-docência). Nesta etapa, percebi que minha velha amiga *Scielo* ou o ‘compa’ Banco de Teses da CAPES seriam de pouca ajuda direta e imediata. Em especial, ficou claro que não ajudariam no caso de minhas disciplinas obrigatórias nos cursos de Licenciatura em Letras e de Licenciatura em História, pois estas devem abordar conhecimentos elementares sobre diferentes correntes das Ciências Psicológicas, exigindo textos que tragam uma síntese acurada e direcionada a tais cursos de licenciatura. E o que estava encontrando na *Scielo* ou no Banco de Teses trazia fragmentos destas teorias das Psicologias, mas em meio às questões propriamente discutidas pelos autores e autoras acerca de seus objetos de estudo. Os descritores utilizados nas buscas apareciam nos títulos ou resumos e no corpo do texto, e embora trouxessem definições adequadas, citações e referências, geralmente o faziam acerca dos conceitos/categorias ou ideias que estavam sendo articulados em seus estudos, não trazendo o conjunto de informações produzidas por determinada corrente das ciências psicológicas, como tais disciplinas exigem.

Na Oferta Especial, a bibliografia juntava diferentes obras e foi indicada a leitura parcial destas, de modo a focar nas definições e conceitos, apresentando todos os necessários de cada corrente teórica.

Percebi a inadequação das ferramentas *Scielo.br* e Banco de Teses da CAPES para levantar bibliografia de acesso livre para as disciplinas básicas e, ao mesmo tempo, tinha de dedicar algumas horas para conhecer melhor o que seria o ensino remoto, na UNEB.

De tal forma aconteceu a Oferta Especial e minha preparação para ela (ainda com a bibliografia fragmentada) que a solução que criamos para a questão da bibliografia fazia todo o sentido com a EaD: cada discente fazia pesquisa bibliográfica individual. Isto seguindo um roteiro de estudos para cada uma das teorias das ciências psicológicas, abordadas nas disciplinas, no qual listo todos os principais conceitos, ideias e fundamentos destas teorias que dizem diretamente ao aprendizado dos humanos. Assim, sugeri que os estudantes fizessem



pesquisas, segundo os conceitos teóricos elencados nas orientações para estudos destes roteiros, programados encontro a encontro – o que mostrou bons resultados. Respeitando uma questão de ritmo de cada um para as atividades assíncronas, contudo, tendo prazos estabelecidos para outras atividades e horários marcados para as aulas síncronas. Sempre buscando incentivar o aprender a aprender, o comportamento exploratório (CAMPOS e BARDAGI, 2020). Uma tarefa individual que contou com o diálogo virtual com o professor e entre os/as discentes, que trocaram referências, *links*, figurinhas e palavras de apoio, de incentivo e de reconhecimento. Sendo que todos estes conhecimentos, dúvidas, perguntas, citações, referências bibliográficas, *links* e interações interpessoais foram compartilhados em aulas, no grupo de *Whatsapp*[®], no *chat* ou fóruns *online* das disciplinas. Ou seja, todos podiam acessar, a qualquer momento, o que tanto permitiu – em tese – que todos acompanhassem, bem como que as “trocas” acontecessem, nos tempos de cada um.

3. Acolhimento e diálogo – aprendendo a e-docência

Acredito que “abrir o microfone”³ para falar de minhas dificuldades com a bibliografia básica de material de acesso livre (*Creative Commons*) e com os aplicativos digitais ocasionou encontrarmos, juntos, nossas formas de realizar as aulas e as atividades assíncronas. Da mesma forma, explicar e demonstrar algumas das funcionalidades que aprendi acerca dos *apps*, foi informativo e útil para mim e para a turma.

A melhor compreensão das ferramentas da educação à distância contribuiu enormemente para podermos nos descobrirmos, utilizando-as.

De modo que foi no acontecer da Oferta Especial que grande parte do que está em uso nos dois últimos semestres de ensino remoto começou a ganhar formato. Como o incentivo do comportamento exploratório e para “abrir o microfone”, nas atividades síncronas; por outro lado, respeitando as limitações pessoais ou técnicas, aprendi a não insistir para “abrir a *cam*”, apenas oriento que é possível fazê-lo colocando um “efeito de fundo”, que resguarda um pouco a privacidade.

³ “Abrir o mic” é uma expressão recém e-aprendida e quer dizer ligar o microfone de seu *hardware* para falar na e-aula ou e-reunião. Abrir a *cam* é ligar a vídeo-camera para ser visto.

Outro aspecto que pareceu ser favorecido pela metodologia “pesquise os itens do roteiro” foi a “participação em aula”, vários discentes, espontaneamente, trouxeram seus achados, quiseram falar em aula relatando as definições que encontraram para os conceitos do roteiro, segundo cada uma das teorias da Psicologia às quais fizemos a introdução geral. Aspecto que também favoreceu participações espontâneas discutindo os conceitos e as práticas ou posturas docentes. Da mesma forma, na disciplina em que os temas trabalhados em aulas foram sugeridos e apresentados pelos discentes, sua condução das discussões, algumas vezes, continuaram em atividades assíncronas. Demonstrando tanto que os grupos se fundamentaram para conduzir e ampliar a discussão de ‘seus’ temas, quanto deram oportunidade para os colegas e o docente aprenderem e se engajarem nos estudos e nos diálogos propostos e que fizeram as disciplinas acontecerem.

Antes da Pandemia, partes de minhas disciplinas sempre incluíram a preparação e apresentação de conteúdos, por grupos ou duplas discentes, pois considero importante o exercício da pesquisa bibliográfica, a atenção às fontes, às formalidades da ANBT e à percepção que o conhecimento se produz de conhecimento. Além disso, seja em cursos de Licenciatura ou de Bacharelado em Turismo, algumas competências/habilidades profissionais têm a ver com a oratória, com a organização do discurso, inclusive, lançando mão de recursos didáticos para tal.

A tarefa de aprender sobre o ambiente virtual, como mencionado, aconteceu de forma abrupta e imposta pela pandemia, contou com várias contribuições, de variadas fontes, tendo sido parcialmente realizada na modalidade de ensino à distância, em cursos oferecidos pela UNEAD/UNEB (por exemplo, o CLOn - Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA: Moodle para Professor!); pela Subgerência de Capacitação/UNEB (como Curso Microsoft *Teams*[®]); e em encontros virtuais com profissionais da EaD organizados pela UNEB, em que pudemos expressar dúvidas e obter orientações básicas para nortear a transição – tais como os aspectos relacionados às habilidades e competências que deveria desenvolver para realizar meu trabalho na modalidade remota emergencial.

Contamos com a colaboração uns dos outros, alunos e alunas, alguns colegas e as monitoras de ensino, compartilhamos nossos estudos e fomos experimentando e descobrindo



recursos e possibilidades pedagógicas; até me percebo familiarizado e mais fluente no uso de alguns programas e aplicativos que nos permitem continuar trabalhando.

Na verdade, o comportamento exploratório, já habitual quando se trata de conteúdos das aulas e da formação de ‘meus’ alunos e alunas, foi desafiado a sair da biblioteca, onde havia exemplares suficientes, e está indo até que bem. O que levou, mais uma vez, a perceber que melhorar meu trabalho docente se dá como formação para mim e, espero, contribua para a formação dos/as estudantes. Então, se necessário, nos adaptamos e vamos experimentando e refletindo sobre estas experiências, escrevo isto no plural porque este processo é vivido em diálogo com *tutorials* ‘do’ *youtube* ®; com outros profissionais e, em especial, com os/as discentes, quem dá vida às atividades acadêmicas e aos aplicativos e *gadgets* e, solidariamente, compartilha suas reflexões e vivências do ensino remoto.

4. A metodologia acontecida

No caso da disciplina básica de Psicologia do Aprendizado, os termos descritores Behaviorismo (e similares como comportamentalismo, psicologia comportamental); Psicanálise; Epistemologia Genética (e similares como construtivismo, teoria piagetiana, interacionismo); e Psicologia sócio-histórica (sociocultural, histórico-cultural, teoria de Vygotski, sociolinguística) usados individualmente, um de cada vez, logo à primeira vista demonstraram a inadequação de escolher a Scielo e o Banco de Teses da Capes para rodar estes descritores. Isto porque a quantidade de resultados obtidos para cada termo se mostrou considerável, porém, ao checar títulos, resumos e alguns textos completos estes não se mostravam adequados para os objetivos pretendidos de oferecer um texto com informações básicas, pertinentes e checadas de uma destas diferentes teorias das Ciências Psicológicas e da Psicanálise. Ou seja, um texto didático introdutório, resumido, mas focado em apresentar a teoria para docentes em formação que, ao informar, estimule seus estudos e pesquisas bibliográficas *online*. Preocupado em ter pelo menos os textos dos dois primeiros encontros, tive uma experiência que mostrou que os textos cujas referências encontrei na *Scielo* e no Banco de Teses CAPES de fato traziam aspectos da teoria e descreviam e definiam alguns conceitos desta, contudo, como a quantidade de resultados e todos os textos completos

consultados não atenderam aos critérios, iniciei a procura de outras fontes de material acadêmico.

Na Oferta Especial, o resultado levado para os alunos e alunas da ‘disciplina básica’ trouxe três diferentes textos, relativamente longos, que deveriam ser lidos para juntar diferentes aspectos do Comportamentalismo que – julgo – devem ser apresentados a professoras e professores em formação, mas que não estavam todos dispostos num mesmo texto.

Mesmo estando satisfeito com a pesquisa bibliográfica individual, realizada na sequência da atividades da Oferta Especial, ainda me senti pressionado a levantar material de acesso livre e me vi sem rumo. Até parar diante da estante de livros, em casa, na qual encontrei o início de um caminho alternativo, uma apostila de um curso de formação oferecido pela UNESP, nos moldes do programa Rede/UNEB 2000. Ai, “espiei” a *internet* em busca do e-endereço do “Acervo Digital UNESP” (<https://acervodigital.unesp.br/>) que, surpresa, aparece logo, sem nenhum anúncio antes dos resultados. A página inicial do sítio deste acervo já traz o mecanismo de busca dele na parte central, bem visível, portanto, logo ao entrar, é possível digitar o termo descritor em “Encontre no Acervo” e acionar o comando “Buscar”, posicionado ao lado, para ter acesso às referências das obras ali disponíveis. Como outras bases e acervos, o ‘buscador’ do Acervo UNESP dispõe da opção “Busca Avançada”, que permite navegar pelas “Comunidades do Acervo” (Acervo Histórico-Cultural; Documentação Permanente; Objetos Científicos; ou Objetos Educacionais) e/ou por “Índices” (Data de Edição; Autor; Título ou Assunto) que ajudam a refinar resultados mais próximos do pretendido e a redimensionar o número destes, tornando mais operacional o trabalhoso processo de pesquisa de referências bibliográficas, ou seja, de acessar e escolher, pelos títulos e resumos, o que deveria ser lido na íntegra e, depois, selecionado para compor a bibliografia recomendada para minhas disciplinas.

O primeiro descritor utilizado foi “Caderno de Formação” (com aspas), para relembrar a ferramenta e experimentar a fonte, começando pelo que fez retornar ao Acervo Digital UNESP. Na primeira tentativa, esqueci das aspas e os resultados passaram de várias dezenas de milhares (aparecem mais de 99.000 resultados possíveis), com as aspas o buscador



procurou pela expressão literal, Caderno de Formação, em todas as Comunidades e pelos diversos Índices, e trouxe, à época, 110 resultados. O que fez procurar por formas de refinar ainda mais este número, que só o uso da expressão literal, quando encontrei Filtros de busca, disponíveis logo acima do resultado, e que se mostraram interessantes, mas pouco úteis para meus propósitos – apenas o filtro “Assunto” foi empregado.

A consulta ao acervo Digital UNESP não é tão prática como na *Old Scielo*, que apresenta resultados de busca com as referências bibliográficas e estas com um *link* para o resumo/*abstract* e outro para o texto completo; além de oferecer a possibilidade de fazermos a seleção na própria tela e, depois, a salvarmos ou enviarmos por *e-mail*, num documento/arquivo que além das referências selecionadas traz os descritores usados, a data, o número total de resultados e o de escolhidas.

No acervo UNESP, ler os resultados e escolher pelo título quais acessar o resumo, percorre um roteiro como outros bancos de dados/acervos e bibliotecas virtuais, mas a navegação é um tanto menos dinâmica e intuitiva entre os resultados das busca e a seleção para leitura integral da obra, com mais cliques em *links* e mais operações para acessar o texto completo, pois este não abre no navegador e deve ser baixado e, depois, aberto em outro programa. Achei visualmente mais exigente de atenção. Contudo, havia encontrado uma excelente biblioteca *online* que os estudantes poderiam acessar e que dispõe dos textos introdutórios que procurava para a bibliografia recomendada de minhas disciplinas e muito mais, como obras mais aprofundadas e consistentes acerca das Ciências Psicológicas e a Educação; linguística, história etc.; além do que, estão disponíveis videoaulas; textos produzidos para aulas; assim como materiais didáticos (Objetos Científicos e Objetos Educacionais).

No Acervo UNESP também foi possível encontrar obras de autores já conhecidos por mim, sendo que a busca foi realizada pelos nomes e a seleção para leitura tenha tido como critério menção a uma das Ciências Psicológicas, no resumo.

Me dei conta que mencionei dinamismo e intuitividade da navegação, mas nem sei direito o que significam. Não fiquei em pé, na prancha, surfando no Acervo Digital UNESP, só bastante empolgado por ter reencontrado um caminho na nova onda tecnológica em que a pandemia nos colocou. Na verdade, o Acervo Digital UNESP, a BVS-Psi, a *Scielo*, o Banco



de Teses etc. eram já velhos conhecidos, como as fichas em papel das bibliotecas ou os bancos de dados em CD/Rom. Eu os utilizava como pesquisador ou orientador e não exatamente como professor que, agora, só tem o que é de acesso livre e está *online* como opção para montar a bibliografia básica e a recomendada de suas disciplinas.

Muitas horas foram dispendidas até encontrar os caminhos mais adequados a esta tarefa, por sorte, uma vez trilhados, foram suficientes para produzir resultados em termos de bibliografia e em termos de incentivo ao comportamento investigativo, de pesquisa de conteúdos, também para os/as discentes.

5. As pessoas estudantes do XVIII – aperfeiçoar competências e habilidades profissionais de discentes e do docente

Em todos os cursos em que trabalho, um dos aspectos da formação que devemos atentar são as questões das relações interpessoais e da oratória exigidas pela futura profissão. Assim, além de exemplo pelas atitudes e postura, cabe oferecer conceitos teóricos e compartilhar aspectos do exercício docente, como: a seleção de material didático; a exposição de conteúdos; e a condução do diálogo sobre estes, da aula. O que é complementado por uma atividade em sala, mesmo que virtual, que oferece aos estudantes algo da prática docente em termos de oratória e de planejamento de atividades acadêmicas. Algo sobre a humanidade de cada um e sobre o diálogo como ferramenta profissional.

Aulas têm seu momento expositivo, contudo, busco que mesmo este aconteça em diálogo, por isto, em salas de aulas físicas, ficava atento à ‘intenção de falar’; ao ‘semblante de dúvida’; e à troca de olhares entre os colegas como indicativos para pausar e passar a palavra. Mesmo que seja difícil descrever os dois primeiros, destaco que toda a principal comunicação não-verbal, presente nas interações face a face, faz muita falta nas aulas remotas, principalmente porque realizadas sempre com as câmeras fechadas. Por isto, manter o e-diálogo tornou-se ainda mais vital para manter o diálogo, assim, estar atento ao piscar de ícones que indicam que o microfone foi ligado, ao que aparece no *chat* e aos silêncios substituiu o olho no olho.



Da mesma forma, a mediação tecnológica experimentada também impactou as participações dos alunos e seus momentos de apresentação de trabalho. Por outro lado, identificamos isto graças às interações que estabelecemos e ao uso da chamada de áudio do *Whatsapp*[®] que, por sua vez, realiza ainda mais esta aproximação ao professor. Cujas posturas acolhedoras, no ambiente virtual ou nos atendimentos individuais *online*, permite que os/as discentes entrem em contato, que contem comigo para ouvir sobre o que estão vivenciando em sua formação, em nossas aulas, no contexto de suas vidas; além de orientar sobre atividades, conversar sobre conceitos teóricos ou indicar bibliografia ou fontes. Sim, muitas vezes, tudo o que pude fazer foi ouvir e expressar solidariedade sincera e reconhecimento verdadeiro dos esforços, conquistas e “situações difíceis” relatadas (que se agravaram com o pandemônio e a pandemia, que também aumentaram a frequência com que sou procurado). Permitir um desabafo e, ao mesmo tempo, que a pessoa se organize um pouco ao falar, ajuda que tome em perspectiva sua situação e potência. Um exemplo: o contato começa com o/a estudante dizendo não vai apresentar seu trabalho, porque não consegue falar em sala, dada sua timidez, questão agravada por um quadro de ansiedade relacionado ao contexto atual (que, realmente, é de causar sintomas psicológicos e somáticos). Ouço tudo o que dizem, porém, dado que o contato foi em função das atividades da disciplina, especificamente sobre “falar em sala”, busco mostrar que a pessoa, primeiro, sabe o que tem a dizer, em seus 15/20 min de “regência de classe”, pois acabou de fazê-lo, então, verifico se tem material didático pensado para atividade e o que foi estudado para a preparação. Numa conversa informal, mas profissional, a pessoa acaba percebendo que pode se sentir segura com relação aos conteúdos de sua fala e acolhida por quem a ouvirá. Vale destacar que a solidariedade entre os colegas sempre se fez presente.

Durante os encontros síncronos com a turma e em algumas publicações, nas plataformas de comunicação digital, incluo a lembrança que as turmas são acolhedoras, portanto, um ambiente seguro para sua expressão e que meu papel não é julgar, mas contribuir para a formação, inclusive de competências e habilidades da docência, como o desenvolvimento de uma voz profissional. E que estou à disposição para conversar sobre suas vivências acadêmicas.



O melhor de tudo é o desempenho alcançado por quem hesitou em “ver do que era capaz”, mas recorreu aos professores e professoras, a colegas, à pesquisa e acabou exercitando sua voz e, com isto, fortalecendo-a, às vezes, encontrando-a. Inclusive com minha modesta colaboração. Assim, o ensino remoto foi algo a que a pandemia nos obrigou, teve um gosto amargo como tudo relacionado ao coronavírus, mas se tornou o que está nos permitindo trabalhar, nestes tempos, e sobreviver a isto tudo que o país está sofrendo agora. Grande parte do bom trabalho vem acontecendo porque mantemos o diálogo, algo conquistado com a ajuda das pessoas com quem trabalhei no XVIII e com o doutoramento. Postura que é colocada à prova e aprimorada, a cada semestre.

Façamos um parênteses aqui, as alunas e alunos do *Campus XVIII*, todos e todas com quem já tive o prazer de trabalhar até hoje, são pessoas que inspiram dedicação profissional, amorosidade docente, são pessoas que se esforçaram para chegar ao Ensino Superior e continuam a fazê-lo em direção a concluí-lo. Filhas e filhos de trabalhadores que não tiveram acesso à faculdade, oriundos das escolas públicas, muitos trabalham e estudam, isto porque apostam em si mesmos/as e na formação que realizamos no *Campus XVIII* (AVILA et. al, 2006; AVILA, 2018).

Conto com o acolhimento e colaboração das turmas para meu desenvolvimento profissional, não foi diferente com o ingresso neste “mundo virtual”, onde colocaram nossas salas de aulas. As pessoas das primeiras turmas com que trabalhei na UNEB, entre 2002 e 2005, ajudaram a aprender a ouvir mais e permitir que me soubessem acolhedor ao diálogo, à voz de cada um/a dos estudantes. Na medida em que acalmei a ansiedade de lembrar de tudo o relevante a ser dito sobre uma teoria psicológica (como se fosse possível fazê-lo em 60 horas/aula), pude ouvir o que dela era relevante para quem de fato é protagonista, nas salas de aulas (COIMBRA, SILVA e COSTA, 2021). Sim, sei, óbvio⁴. E para colocar isto em prática pude contar com a generosidade e saber do alunado da UNEB, desde o começo deste percurso.

⁴ Noto que, aqui, em verdade são outras vozes, mais ancestrais em minha formação, que logo no começo da carreira me colocaram no lugar certo em relação a quem são os protagonistas do ensino-aprendizado – por exemplo, as de Paulo Freire; Ma. Helena Souza Patto; Lev S. Vygostky; Carmen S. de A. Andaló, entre outras.



Em fins de 2020, a faixa etária do alunado mudou bastante, em relação a 2002-2005, o perfil profissional também, mas várias outras características sociodemográficas se mantêm, assim como sempre pareço encontrar turmas acolhedoras. As quais geralmente são grupos seguros para seus membros e recebem docentes e dessemestralizados permitindo-nos sentir o apoio que compartilham⁵ entre si. Claro, também há subgrupos, turmas que são divididas e, não podemos esquecer, cada um tem sua singularidade e também tem seu contexto histórico, enquanto vive as aulas, a formação. Ou seja, talvez haja coisas acontecendo para além da formação que se fazem presentes no estar da pessoa em todos os momentos/aspectos de sua vida – uma relação aberta ao diálogo contribui inclusive neste sentido. Segundo as avaliações discentes, posso considerar já ter avançado no desenvolvimento profissional.

Desde que começamos a trabalhar, estudantes e eu, em setembro de 2002, comecei a me enraizar no *XVIII* e venho acompanhando o crescimento da floresta-pomar à minha volta. Graças às senhoras e aos senhores ‘meus’ alunos das primeiras turmas do curso de licenciatura em Letras/português, cujo perfil se mostrava diverso daquele mais comum presente nas universidades públicas e particulares que eu conhecia do Sul e Sudeste do país. A clara impressão, confirmada por dados, era de que se tratava de um público não tradicional em IES públicas, pois além de mais idade, eram já professores ou professoras de carreira (muitas vezes de outra matéria), oriundos da escola pública e de famílias de trabalhadores com baixa escolaridade. Logo ficou claro que o *Campus XVIII* atendia a uma demanda reprimida, as turmas eram cheias e, as alunas e alunos, persistentes e determinados a concluir a formação e “pegar o diploma” (AVILA et al., 2006).

Estas pessoas compartilharam seu saber-fazer docente e contribuíram com minhas práticas, posturas e reflexões acerca destas, pois lhes pedi sugestões e opiniões sobre as primeiras aulas que tivemos no *Campus XVIII* da UNEB. Em 2003, implantei a rotina de pedir às turmas, depois de três ou quatro encontros, sugestões acerca destas práticas e de meu jeito de conduzir os estudos e nossas relações, o que repetimos, no final do semestre letivo. Ao longo dos anos, a quantidade de críticas a aspectos a serem mudados vem diminuindo, e também as coisas que estas me obrigam a rever em mim mesmo, digamos assim, ficaram mais

⁵ Somos um grande *Campus* de pequeno porte, são poucos profissionais (docentes, técnicos, terceirizados, estagiários, sejam efetivos ou não) e estes estão sempre em contato com o alunado, nos conhecemos pelo nome e as relações são cordiais.

leves de serem encaradas. Talvez, eu tenha melhorado um pouco. Foi necessário ouvir a quem mais interessava para notar o que precisava ser mudado. Foi uma única tijolada que atingiu a arrogância prepotente do novato que parecia ter se entrincheirado em conteúdos teóricos e loquacidade empolada (sintomas de ansiedade de principiante?). O que foi explicitado por mais de um/a estudante, em mais de uma das primeiras turmas, logo fazendo ruir o distanciamento, para dar espaço a uma presença menos assimétrica, possibilitando o diálogo e as vozes discentes. Sorte que fui agraciado por isto ter acontecido com as pessoas certas para mostrar meu entrincheiramento e, ao mesmo tempo, estender a mão.

Meu desempenho profissional é um processo em direção a atingir seu máximo, por isto, continuo a pedir ajuda para ser o professor que quero ser e que os/as estudantes merecem ter. Este hábito foi providencial para a transição para o ensino remoto alcançar qualidade.

Esta característica humana, pessoal, do alunado é uma das diversas características gerais que se mantem, a despeito das várias que mudaram, ao longo de 19 anos. Ainda hoje o *Campus XVIII* não tem sede própria e Eunápolis ainda é árida, mas desde 2004 sei que aqui é meu lar profissional. O jeito de explicar é: foi a qualidade humana que encontrei nas salas de aulas do *XVIII* e o esperar que esta evoca que me enraizaram no *Campus* (a proximidade com o litoral/aeroporto e relações pessoais também tiveram seu peso).

Então, como já falei, fiquei feliz por voltar a e-trabalhar, mas, sabendo da biblioteca fechada, me precipitei, me afobei, me achei por demais pressionado pela questão da bibliografia de acesso livre, dado que as ferramentas velhas conhecidas de pesquisa *online* me deixaram na mão.

Estava procurando no e-lugar errado, mas não percebi naquele momento, foi necessário começar a acontecer esta nova forma de ser professor e a colaboração dos alunos e alunas para que algumas coisas tivessem chance de acontecer, viabilizando que voltássemos a interagir. Foi necessário perceber que as valiosas lições sobre interação dialógica como forma de ensino não seriam perdidas na transposição para o ambiente virtual. Foi preciso superar a ansiedade pela responsabilidade de promover acolhimento e favorecer a vivência acadêmica dos discentes, sabendo que estaria ainda mais fragilizada pela pandemia e pelo ensino remoto. Há poucos anos superei os sintomas físicos da ansiedade da primeira aula do semestre com



uma turma nova, não surpreendeu que retornasse quando da responsabilidade de realizá-las *online*.

Meu desconhecimento do mundo virtual era grande, e eu nem sabia; até fins de 2020, não fazia ideia de que *e-mail* está fora de moda e que o *Whatsapp*[®] é mais presente na vida dos discentes; ou que os robôs de busca populares, a despeito dos propósitos e vieses comerciais, poderiam ser um e-lugar para procurar o material didático que precisava. O *Teams*[®], afinal, é bastante suficiente para uma sala de aulas virtual, em período emergencial, desde que estejamos abertos a usá-lo aceitando fazê-lo enquanto processo de familiarização que compartilhamos com todos na sala *Teams*[®] e que utilizemos também o que já é familiar para os/as discentes, como foi o caso do *Whatsapp*[®] e outros *apps*.

E, desde a Oferta Especial, o ensino-aprendizado se dá mediado tecnologicamente e dialogicamente, permitindo descobrirmos possibilidades e potencialidades para nos conectarmos, para nos ouvirmos e para estudar.

Enfim, é uma experiência pessoal-profissional sem precedentes, como tal, por um lado assustou e preocupou, mas também deu ensejo a que mais uma vez as qualidades humanas de minhas alunas e alunos e de meus colegas docentes e servidores viessem ao encontro da realização de um trabalho consistente e de qualidade. Meu estranhamento da mediação tecnológica foi acolhido e, então, pode se desenvolver em aprendizado. Estudantes ensinando o professor a ser e-professor, os pares se ajudando, dialogando, contribuíram para que todos aprendêssemos, desenvolvêssemos mais habilidades e competências, e – talvez um efeito/resultado de tempos pandêmicos – tenhamos nos aproximado, fortalecido formas de “mantermos contato”, enquanto fisicamente isolados.

Para mim também ficou fortalecida a ideia de a pesquisa bibliográfica *online* como método de estudos da graduação, desde que eu compartilhe “roteiros” dos conteúdos básicos de cada tema de aulas e uma bibliografia básica consistente. Pois que os achados fora da caixa das fontes acadêmico-científicas influenciaram as participações, os relatos de achados e de pensamentos dos estudantes, e o correr dos encontros síncronos e atividades assíncronas.

Quando lembrei do acervo digital da UNESP, que usei a última vez no doutoramento, encontrei um outro tipo de acervo em que realizar a pesquisa que planejara inicialmente para as bases que mencionei. Tudo foi redesenhado, o acervo UNESP se mostrou suficiente para

amealhar toda a bibliografia necessária. O que ocasionou divulgar aos discentes outras fontes *online*, como o repositório da própria UNEB, e outras opções para navegar no “modo acadêmico”, alternativo ao “modo espiadela” dos robôs comerciais.

6. Estudante e sua formação – o que me afeta

Estudantes, colegas e teóricos compartilharam seu saber-fazer docente e contribuíram com minhas práticas, posturas e com as reflexões acerca destas. A rotina de pedir às turmas que avaliem nosso trabalho, ao longo dos anos, contribuiu para que, talvez, este tenha melhorado um pouco. Claro, algumas críticas foram duras de ouvir (e ainda pode acontecer de novo), mas as que faziam sentido e o modo como foram colocadas constituem parte fundamental em direção ao objetivo de ser o professor que quero ser e que o alunado do XVIII merece ter.

Para voltar a estar com as alunas e alunos, busquei ajuda e aceitei a que foi oferecida. Estas pessoas têm meu reconhecimento e gratidão. Em especial, agradeço aos/às estudantes do *Campus XVIII*, pois, desde que começamos minha carreira, me ajudaram a aprimorar meu trabalho docente. Não foi diferente quando nos foi exigido novas práticas e novos hábitos, no mundo virtual. Em tempos de pandemia e pandemônio, estar trabalhando e ser acolhido pelas turmas têm permitido manter a sanidade e esperançar. As pessoas com quem trabalho me fazem acreditar que elas viverão em tempos menos pandemônicos.

A modo de agradecer: educadores/as e professores/as de minha formação.

A transição para a modalidade de ensino remoto foi um tanto estressante e intensa. Contudo, o clima relacional possibilitou ambientes acolhedores e proativos, constituindo um e-espço para várias vozes se expressarem. Gostaria de agradecer nominalmente a todos que permitiram este texto e, mais importante, contribuíram para que o ensino remoto se realizasse, os estudantes tenham se expressado e, suas vozes, ficassem mais fortes.



Todos os processos de aprender a modalidade de ensino remoto e fazê-la acontecer se deram em diálogo, desde a preparação. O resultado se realizou de forma surpreendente. O que só aumenta a vontade de voltar para as salas de aulas, para reencontrar, olho no olho, o alunado.

O ambiente virtual não é mais um mistério no que se refere ao uso em si de alguns dos meios tecnológicos de informação. Ter mais fluência nestes viabiliza uma postura profissional acolhedora e um ambiente seguro. As avaliações discentes e minhas próprias vêm confirmando isto, muito porque me manteve acessível, minimizando o período de distanciamento que se prolonga e para o qual não há previsão efetiva de fim.

Enfim, agradeço a todos e todas que, nestes dezenove anos de trabalho na UNEB, fizeram possíveis os e-diálogos que têm sido tão significativos atualmente, agradeço por estar, a cada aula, mais perto da postura profissional e das práticas que meus alunos e alunas merecem. Agradeço por suas avaliações sinceras deste trabalho e postura, que não começaram como estão hoje, mas ficarão ainda melhores justamente graças a críticas, sugestões e reconhecimento. Pois, diminuíram o estranhamento com o novo e ajudaram a ressignificar questionamentos e dúvidas sobre minhas competências e habilidades para ingressar nesta mudança. E, ainda bem que foi assim.

Referências

AVILA, André Heloy *et al.* Investigação de reconhecimento do Alunado do *Campus XVIII* da Universidade do Estado da Bahia. *In: V TALLER INTERNACIONAL DE PEDAGOGÍA DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR. CD-ROM; Memórias; Universidad 2006. Havana, 2006.*

AVILA, André Heloy. Perfil do alunado do *Campus XVIII* da UNEB (2016). [In:] SILVA, G. J.; SOARES, L.; MASCARENHAS, V.; SANTOS, J. C. (org.). **Estudos Culturais: diálogos entre cultura e educação.** 1 ed. Jundiaí: Paco Editora, 2018, p. 314-320.

AVILA, André Heloy. PRIMEIRO PERFIL DOS/AS EGRESSOS/AS *CAMPUS XVIII* – aspectos sócio-demográficos e efeitos da formação superior. *In: II SIMPÓSIO DE INTEGRAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 2014, Eunápolis. Anais [...].* Eunápolis: Universidade do Estado da Bahia, *Campus XVIII*, 2014. p. 257 – 269.

CAMPOS, Carlos A.; BARDAGI, Marucia P. A Evasão nos Cursos de Psicologia no Brasil: uma revisão da literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. v. 40, e212214, 2020.



[Acessado 27 Junho 2021] , e212214. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003212214>>. Epub 09 Dez 2020. ISSN 1982-3703.

CASTRO, Alexandre K. S. S.; TEIXEIRA, Marco A. P. Evasão universitária: modelos teóricos internacionais e o panorama das pesquisas no Brasil. **Psicologia Argumento**, v. 32, p 9-17, 2014. [Acessado 28 Julho 2021]. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/psicol..argum.32.s02.AO01>

COIMBRA, Camila Lima; SILVA, Leonardo Barbosa e; COSTA, Natália Cristina Dreossi. A evasão na educação superior: definições e trajetórias. **Educação e Pesquisa** [online]. 2021, v. 47. [Acessado 28 Julho 2021], e228764. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147228764>>. Epub 16 Abr 2021. ISSN 1678-4634.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Panorama da educação**: destaques do *Education at a Glance 2020* [recurso eletrônico]. – Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. [Acessado 11 maio 2021]. Disponível em: download.inep.gov.br/acoes_internacionais/eag/documentos/2020/Panorama_da_Educacao_2020.pdf

MARQUES, Felipe T. A Volta aos Estudos dos Alunos Evadidos do Ensino Superior Brasileiro. **Cadernos de Pesquisa** [online]. v. 50, n. 178, p. 1061-1077, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053147158>>. Epub 30 Nov 2020. ISSN 1980-5314.

MATTA, Cristiane M. B.; LEBRÃO, Susana M. G. e HELENO, Maria G. V. Adaptação, rendimento, evasão e vivências acadêmicas no ensino superior: revisão da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. v. 21, n. 3, p. 583-591, 2017. [Acessado 11 maio 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111118>>.

VIGOTSKII, Lev S.; LURIA, Alexander R.; e LEONTIEV, Aléxis N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: ícone Editora Ltda., 2010.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 27 de novembro de 2021.

Artigo aprovado para publicação em: 05 de dezembro de 2021.